

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 847
 GUIMARÃES, 26 de Abril de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 58-A. Tel. 4913
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4077
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Vinte anos na Presidência da República

Passou no dia 15 o vigéssimo aniversário da proclamação solene do Senhor Marechal Carmona como Chefe do Estado Português. A eleição realizara-se a 25 de Março e foi unanimemente que a Nação confirmou o Marechal Carmona no lugar que já antes exercia por vontade do Exército e daí por diante continuou a exercer por vontade expressa do povo português.

Vinte anos são passados sobre essa primeira eleição. E hoje, como então, o Senhor Marechal Carmona continua a marcar, para todos os portugueses, aquele mesmo espírito da mais alta consciência nacional, do mais puro sentido de servir, no cumprimento exacto e firme do dever, por maiores que sejam as dificuldades a enfrentar e os perigos a vencer.

Respeitosamente cumprimentamos o Senhor Presidente da República.

Festas da Cidade

Em sua sessão de quinta-feira passada a Comissão Executiva das Festas da Cidade, depois de ter trocado impressões sobre assuntos de abarrocamento para as Feiras Francas e de ter tomado algumas deliberações quanto à elaboração do programa, resolveu dar início à subscrição pública para as Gualterianas.

A Comissão espera encontrar nos vimaraneses a coadjuvação valiosa e indispensável que vai solicitar-lhes para que as suas Festas tradicionais, que já conquistaram justificada fama no País e no estrangeiro, não desmereçam em brilho das realizadas em anos anteriores.

Apraz-nos registar também que a Comissão Organizadora da Marcha Gualteriana, composta por um grupo de Empregados do Comércio que representam toda a briosa Classe, deu já início aos seus trabalhos e está possuída da melhor boa vontade e entusiasmo para que estes sejam, como sempre têm sido, coroados do melhor êxito.

Sabe-se já que a Comissão Executiva das Festas interpretando o desejo de todos os vimaraneses e no intuito ainda de corresponder à maneira gentil como a Banda de Infantaria 12 de Zaragoza, de Santiago de Compostela (Espanha) actuou nas festas do ano passado, sabido que os componentes da mesma desde logo manifestaram o desejo de voltar a Guimarães, onde foram calorosamente recebidos e acarinhados por toda a população, vai convidar a mesma excelente Banda Regimental para abrilhantar as Festas do ano corrente.

Também já foram incumbidos os conhecidos ornamentistas Srs. Constantino Lira, de Felgueiras, e Bernardo Barreira, desta cidade, de apresentarem os respectivos projectos para as decorações das diversas Praças e Ruas da Cidade.



Os Paços do Concelho

Se Guimarães tem necessidade de um edifício para instalação da sua Câmara Municipal, se esse edifício está magnificamente projectado, convenientemente situado e desde já em construção avançada, se os actos administrativos de que o projecto e a sua execução resultaram são perfeitamente legais e inatacáveis, se o concelho de Guimarães é representado pela sua Câmara e esta só obedece à lei, sendo, no resto, absolutamente independente como tudo temos procurado demonstrar de uma maneira clara, que é que pode impedir que a construção desse edifício prossiga e se conclua?

Nada, absolutamente nada! A administração municipal exerce-se, exclusivamente, pelos seus órgãos, que são: o conselho municipal, a câmara municipal e o presidente da câmara municipal; nenhuma outra entidade interfere nos seus actos, que praticam com toda a independência desde que não saiam da órbita das suas atribuições e as suas deliberações só podem ser suspensas, modificadas ou anuladas pela forma e nos casos previstos no Código Administrativo em cujas normas nada se encontra que permita sequer pensar-se que a Câmara Municipal de Guimarães possa ser obrigada a não continuar e a destruir a obra, com o aplauso geral dos seus munícipes, iniciada.

Portanto, se a construção não prossegue é porque as vereações o não têm querido. E estão elas no direito de não querer?

Desassombadamente lho negamos. As vereações sucedem-se mas a Câmara é sempre a mesma, o corpo administrativo é permanente, muito embora os seus elementos constitutivos variem. Os vereadores não têm o direito de levar para o exercício das suas atribuições deliberativas dentro da câmara, os seus caprichos pessoais de ordem particular ou partidária; e as deliberações municipais, uma vez legalmente tomadas, têm de ser cumpridas até sua final execução, com nobreza, com lealdade, sem que o deva impedir ou contrariar a substituição eventual dos seus membros no decorrer da execução. As novas vereações, quando tomam posse, não são elemento novo de uma nova instituição, vivificam e asseguram a permanência de função de um órgão imutável. Se a mudança de vereadores da mesma Câmara, que é sempre a Municipal do respectivo concelho, implicasse ou autorizasse a suspensão ou anulação dos efeitos, ainda não completamente produzidos, de actos administrativos anteriores, daí resultaria o caos; nunca mais os municípios teriam uma obra concluída desde que ela excedesse o folego dos vereadores que a tivessem votado; as cidades passariam a ser aglomerados de ruínas e destruições, porque nenhuma obra seria completada se os novos vereadores não tivessem tempo para ultimar as suas preferências, antecipadamente condenadas à destruição pelos vereadores que tivessem de lhes suceder. E, nesta ordem de ideias tão extravagante, por que não destruir também aquilo que já estivesse concluído? Arrasar seria a primordial função dos corpos administrativos!

A obra de construção dos Paços do Concelho, deliberada pela Câmara Municipal de Guimarães, que já dela construiu uma parte importante, tem de ser continuada e concluída pela mesma Câmara a que falece o direito de enjutar a sua própria obra, simplesmente pelo facto de que outras pessoas a constituíram anteriormente; a obra não era nem é dessas pessoas;

a obra é de Guimarães e tem de continuar porque o edifício é necessário, grandioso e belo, porque só pode demonstrar incúria, desperdício dos dinheiros municipais, despeito disparatado, falta de brio cívico, incompreensão ou desconhecimento dos próprios deveres, preguiça, inaptidão ou maldade, não a continuar desde que Guimarães quer que ela continue e se conclua!

Por que não tem assim acontecido, visto que, desde a sua suspensão, várias vereações se têm sucedido, constituídas sempre por pessoas das mais dignas, das mais competentes, patrióticas, activas e empreendedoras? Por nada que as deslustre ou que as faça desmerecer da alta consideração que gozam. É uma série de circunstâncias fortuitas, quase que imponderáveis algumas, que têm constituído o grão de areia que desvia a atenção do assunto ou o argueiro que a miragem transforma em escolho de difícil transposição. Já num destes artigos procurámos dar a explicação desta aparente incongruência; não temos necessidade de a repetir. Basta que nos convençamos, porque não pode deixar de ser verdade, de que num assunto desta natureza não há embaraços de ordem pessoal a vencer; há simplesmente formalidades de técnica administrativa a cumprir.

E essas formalidades satisfazem-se facilmente, desde que a boa vontade não falte, com mais rápido e completo êxito quanto mais vincado seja o propósito de ser útil e diligente no exercício do cargo em que se está investido.

A dificuldade para acabar com a vergonha e o desleixo de manter durante tantos anos interrompida uma obra tão necessária e bela, resume-se em incluir no orçamento municipal uma importância maior ou menor, conforme as circunstâncias da ocasião o permitam, para por ela se pagarem as respectivas despesas.

Não é preciso ter um especial conhecimento nem aturada experiência da maneira como se organiza um orçamento e nele se devam distribuir as dotações das obras de interesse público para se conseguir, anualmente, pelo menos algumas dezenas de milhares de escudos, que tanto bastaria para que a obra não parasse e, embora muito vagarosamente, prosseguisse. Uma centena de contos que fosse, num orçamento como o da Câmara Municipal de Guimarães, pouco ou nada avulta e chegaria para pagar a dois pedreiros e levantar, todos os anos, meia dúzia de pedras com que se evitaria que o público mau e maldizente, porque o há, atribuisse a interrupção da obra a inveja, desmazelo ou acinte.

A obra iria devagar mas caminhava; hoje, se assim, sensatamente, se tivesse procedido sempre, já haveria nela dois mil contos de pedras sobre as que existem e as despesas municipais que até aqui se fizeram, bem ou mal aplicadas, mais ou menos úteis do que as do edifício da Câmara, não teriam deixado de se fazer sem alteração sensível.

Dir-se-ia que o município é pobre porque tantos anos lhe levava a construção dos seus Paços, ou que outras despesas mais urgentes e necessárias lhe absorviam a quase totalidade das suas receitas, ou que o Estado lhe faltava com a ajuda que entendia não dever conceder-lhe, mas seria difícil ou injusto supor-se que na rectíssima consciência de homens de bem que é a de todos quantos têm passado desde então pelas cadeiras municipais, pudesse entrar a sombra de um pro-

ORAÇÃO

Que Ela não saiba nunca o meu tormento,
 Os desgostos que tenho aqui passado...
 Que Ela não saiba nunca o sofrimento
 Que eu trago no meu peito atravessado.

Se Ela o soubera nem um só momento
 De descanso teria aí gozado.
 E já que Ela no Céu tomou assento
 Que descanse, meu Deus, sempre a teu lado.

Se perguntar por mim a pobre Mãe:
 Diz-lhe que sou feliz, que passo bem,
 E que tenho alegria de viver...

Perdoa-me, Senhor: tens de mentir...
 Mas Ela é minha Mãe, quero-a a sorrir,
 E não posso outra vez vê-la morrer...

Abril de 1948.

DELFINO DE GUIMARÃES.

pósito de privar Guimarães de uma casa para a sua Câmara, o país de mais uma esplêndida obra de arte, de deixar perder tanto dinheiro gasto, que lhe não pertence porque é de todos os contribuintes, de permitir que pela acção do tempo, do abandono e do lixo a parte já construída e tão formosa do edifício se transforme numa entristecedora e deprimente ruína, monumento de incúria, de sujeira e de incompetência, e tudo isto só para que se não conclua e perdesse uma obra que foi iniciada por outros! Como se esses outros beneficiassem de qualquer merecimento especial, suscitador de inveja, e não fosse pelo mero acaso de se encontrarem em determinada altura no exercício de funções administrativas que lhes incumbiu o dever, que, todavia, não deixou de ser uma honra, de interpretarem, como lhes cumpria, uma vontade do povo que os elegera e não a satisfação de um capricho ou interesse pessoal.

Suponhamos, porém, admitindo o absurdo, que a vereação actual se considera impotente para atender desde já a esta necessidade pública em que está empenhado o brio dos vimaraneses, porque da arrumação das verbas orçamentais não saiba como

desviar uns míseros tostões para que a obra, ao menos simbolicamente, possa continuar.

Ainda assim, nada de desânimos! A vontade é tudo, querer é poder. Queira o povo da nossa terra e esta terá os seus Paços do Concelho; vê-lo-emos no artigo seguinte, que será o último desta série.

MALVADEZ

Têm chegado até junto de nós numerosos e justificados protestos pelo criminoso lançamento de veneno nos montes e, o que é ainda pior, até mesmo junto das habitações de muitas pessoas que vivem nos arredores da cidade.

Tal facto, por ser em si mesmo deshumano e nada haver, portanto, que o justifique, carece de severa repressão por parte das Autoridades. A atitude dos indivíduos que criminosamente se prestam a tão repugnante serviço, é tão condenável como a dos mandatários que, menosprezando a vida dos animais, chegam mesmo a pôr em perigo a vida dos se-

Vinte anos de bom Governo

Há vinte anos que Salazar entrou para o Governo. Completam-se a 27 de Abril. Nos dois anos anteriores, desde 28 de Maio de 1926, a ditadura acalmara e esclarecera os espíritos. Daí em diante ia construir uma obra, assente na ordem constitucional, na regeneração financeira, no fomento e apetrechamento do País, numa nova consciência nacional projectada, no plano interno, na confiança readquirida e, no externo, no prestígio conquistado.

E em tudo isso, durante estes vinte anos, há a marca, o saber, a capacidade, o patriotismo de Salazar.

Da cátedra de Coimbra trouxe ele os elementos fundamentais para a reforma orçamental e fiscal — bases de uma reforma financeira que, partindo do equilíbrio elevado do escudo, do abismo sem cotação em que se afundara, a moeda forte, hoje disputada em todos os mercados do mundo. Saneou a dívida pública, normalizou a dívida flutuante, subordinou a actividade governamental — as necessidades do País — às possibilidades do tesouro. Depois, traçou a doutrina, definiu a construção política e jurídica do Estado, as bases da estrutura imperial e dos direitos do trabalhador português.

Pouco a pouco, nas diversas pastas ministeriais, isto é, nos diversos sectores da actividade nacional, começa a sentir-se a acção de Salazar que, sempre sob a égide do Senhor Marechal Carmona como Chefe do Estado e rodeado de escolhidos colaboradores, repete o milagre operado na pasta das Finanças. E cria a ordem corporativa com sua economia auto-dirigida; valoriza o património artístico e educativo, reorganiza e arma as forças militares, prestigia a política externa, salvaguarda a honra e a paz de Portugal, orienta a Constituição, o Código Administrativo, as reformas da Justiça, lança, em todos os sectores, bases sólidas de obra larga e fecunda: mais escolas, estradas, portos, repovoamento florestal, hidro-electricidade — sempre dentro de um critério realista de respeito pela Moral e pelo Direito, de fidelidade aos compromissos, de cooperação nacional e internacional.

Vai solenizar-se no dia 27 o vigéssimo aniversário da posse do Doutor Oliveira Salazar no alto cargo de Ministro das Finanças, data que marca a entrada do ilustre Estadista para o Governo da Nação. Essa comemoração coincide com a festa natalícia de Salazar, que ocorrerá no dia 28 deste mês.

É motivo, pois, para que felicitemos o Professor Doutor Oliveira Salazar, fazendo votos pela continuação de sua preciosa saúde.

A VOZ DAS FREGUESIAS

Prossegue o clamor de necessidades, manifestando-se nesta ronda:

Abação (S. Tomé), Santa Maria de Gémeos, Santa Cristina de Longos e S. Vicente de Oleiros

Abação (S. Tomé)

Três coisas aspiram os 900 habitantes desta progressiva freguesia, para que o seu valor local esteja de harmonia com os seus próprios méritos: luz eléctrica, edifício escolar próprio e telefone público.

Concedidos estes melhoramentos e concertados os caminhos que do lugar das Cortinhas segue por diversos casais até ao Telhado e para a Penha e o que do Codeçal vai por diversos lugares até ao do Carvalho e para a Lapinha e ainda outros de menor importância, terá a freguesia atingido a craveira para que tanto têm trabalhado as autoridades locais.

A freguesia possui indústria têxtil e tem larga preponderância na produção agrícola, o que representa um volume apreciável de contributo para os cofres camarários e do Estado.

Logo pois, não seria mais que justo concederem-lhe os melhoramentos de que carece, cifrados em muito pouco, afinal, porque a corrente eléctrica não se encontra longe, a instalação de telefone em posto público não traz grande dispêndio e a construção do edifício escolar não deixaria de ser compartilhado pela população local.

Gémeos

Cá temos nós uma das freguesias onde mais se acentuam determinadas necessidades primordiais, daquelas que reclamam remédio a todo o instante, pois cada dia que passa mais agrihoam a freguesia a um estado precário que muito a prejudica.

Cerca de quatrocentas pessoas ali habitam, privadas de caminhos, de

água, de luz eléctrica, de escola, de telefone público, de meios de comunicação, de tudo, louvado seja Deus!

Principiando pelos caminhos, encontramos a maior parte em mau estado. Exceptuando a estrada que liga Gémeos a S. Paio de Vizela, tudo o mais necessita de conserto. O caminho que liga o Monte do Barrio à Cruz e que vai até à Ponte de Vila Fria — Felgueiras, está intransitável, o que faz enorme diferença aos moradores dos diversos lugares que atravessa.

Impõe-se como assunto muito urgente a conclusão da estrada camarária que liga esta freguesia a Vizela, partindo de Covas e passando por S. Paio de Vizela, afim de que possam efectuar-se carreiras de caminhetas, com o itinerário Vizela - S. Paio - Gémeos - Taboado - Abação, as quais são muito precisas.

A população não tem fontes adequadas para recolher a água que utiliza nos usos domésticos.

Contudo há água potável, bastando simplesmente adaptar as nascentes e construir fontanários que higiénicamente protejam as pessoas das impurezas que conduzem nas vasilhas juntamente com o precioso líquido e que colhem simultaneamente.

Quanto à iluminação eléctrica nem é preciso dispendir argumentação justificativa para a sua instalação na freguesia.

Esta aspiração é igual a tantas outras do mesmo teor e que com a mesma justiça outros meios solicitam encarecidamente. Torná-la realidade é tão imperioso aqui como noutras partes, pois a Vila carece de luz, como a comida não dispensa tempero...

Focaremos agora o caso da escola. Há nesta freguesia um posto de ensino, para o sexo masculino. E para o sexo feminino, nada!

Mas então como é isto? Então as raparigas de Gémeos não têm direito ou não merecem instrução escolar?

Há pouco deparámos com ensino primário só para o sexo feminino em Nespereira. Agora, em Gémeos, aparece-nos o sexo oposto beneficiado com a Luz do Espírito, enquanto as mocinhas terão de ficar com a Alma em trevas!... Que tristeza isto nos faz!

Mas mais magoadas devem ficar

aquelas crianças que não podem ir à escola por não a terem e mais tarde, quando a razão desabrochar e a vida se dificultar por falta de instrução primária, serão uns espectres inextinguíveis a acusar as pessoas que podendo ter-lhes evitado a categoria de ignorantes, o não fizeram, sabe-se lá porquê...

E não se esqueça a instalação de telefone neste povoado, pois esse valioso elemento de comunicação é ali muito precioso e será preciosíssimo em caso de necessidade de socorros urgentes por motivo de incêndio ou de serviços clínicos.

Desafiado este rosário de necessidades, urge que algumas — na impossibilidade de serem todas — sejam eliminadas quanto antes, para que os paroquianos se não julguem eternamente dos mais desprotegidos de todo o concelho, por parte de quem de direito.

Longos

A resposta que mais se realça nos quesitos desta freguesia é a que se refere à grande necessidade do arranjo de caminhos. E a par desta, outras carências de melhoramentos se impõem.

Mas a Junta não tem recursos, e nota-se grande desânimo no seu mandato, não só por esse motivo, como porque as suas instâncias não têm merecido o acolhimento indispensável das entidades competentes.

E assim, depara-se-nos esta freguesia a caminhar para o descalabrado, porque até à data não foi contemplada com qualquer subsídio, quer da Câmara, quer do Estado, não obstante ser boa contribuidora.

São mil duzentos e trinta e quatro os seus habitantes, residindo em duzentos e cinquenta e dois agregados familiares.

Para melhor se ajuizar das necessidades desta gente e do estado de espírito da Junta quanto às probabilidades de melhoramentos, vamos transcrever textualmente as respostas a alguns quesitos:

Templo paroquial: Interiormente, razoável; exterior, mau.

Escola: Funciona na dependência de uma casa alugada, de pequenas dimensões e incompatível com as necessidades da freguesia.

Caminhos: Estão em péssimo estado, nomeadamente os que vão da Quinta à Cachada, passando por Covinho, de S. Tiago a Entre-as-Aguas, da Igreja a Ruela e a Rosa pela Devesa, do Outeiro de Oleiros ao Barreiro, por Bouças.

Agua: Não a há no Outeiro de Oleiros e quanto a fontanários apenas existe um no lugar da Igreja, mas está em ruínas.

Luz eléctrica: Não há, nem temos esperanças de a obter!

Telefone: Não há. Requistámo-lo por ser de extrema necessidade, mas não nos foi concedido ainda.

Cemitério: Carece de reparação e a Junta não tem recursos...

E todas as demais perguntas são seguidas de um não, três letras que muito de pressa se pronunciam e que no seu significado tanto dizem!

Aqui está focada a situação dos paroquianos de Santa Cristina de Longos, essa freguesia que tem vivido no esquecimento, talvez por estar lá longe, a nove quilómetros da nossa cidade, no sopé dos montes do Sameiro e da Falperra.

Todos os povoados se encontram muito afastados dos principais elementos de socorro, faltando-lhes os mais cominhos meios de comunicação.

Mas não obstante estarem nos confins do concelho, não deixam de ser lugares onde vive povo de Guimarães e que Guimarães tem obrigação de acarinhá-lo.

Oleiros

A freguesia de S. Vicente de Oleiros está situada a quinze quilómetros da cidade a que pertence, sendo habitada por quatrocentos e sessenta e oito pessoas.

Com esta densidade populacional, deve ser razoável a existência de crianças em idade escolar, não é verdade?

Pois são criaturinhas que têm de optar pelo calcuarri de mãos caminhas, expostas ao calor, à chuva e ao frio, para encontrarem o ensino em outras localidades, já por si atribuladas com os seus próprios problemas escolares ou pela eterna ignorância do grande Bem que é o saber ler, escrever e contar, porque Oleiros não tem escola!

No capítulo comunicações verifica-se a inexistência de telefone e o descalabrado de alguns caminhos, como sejam os que da Igreja vão até S. Romão e Penos e o que liga a Ribeira às Figueiras.

Também não há água em condições de ser utilizada convenientemente, por falta de captação e distribuição por fontes ou fontanários apropriados.

Não há luz eléctrica, essa maravilhosa comodidade por que todos os oleiros tanto aspiram.

O cemitério carece de alguns reparos; e como os que agora se apresentam são de pouca monta, como é uso dizer-se, seria acertadíssimo proceder já ao seu arranjo para que de dia para dia não se descalabre mais e atinja a ruína total.

Em suma: S. Vicente de Oleiros tem absoluta necessidade de melhoramentos imediatos: arranjo dos seus caminhos; a construção do edifício escolar e instituição da respectiva escola; captação de água e construção

Aguas passadas...

Uma greve, uma revolução e um inquérito

Na alvorada parlamentar da República é votada a lei do Direito à Greve. Os operários curtidores e surradores, levantam mão do trabalho. A justificar o movimento grevista, surge um manifesto.

Decorrem semanas de inálabar. Dão-se os primeiros furos na linha de resistência. O movimento ameaça sobressair. Para evitar o desaire, o insucesso, aparece quem lança como táboa de salvação — uma comissão de arbitragem. Alcançado um mínimo, os operários regressam ao trabalho. De regozijo, vieram à rua com uma manifestação. Onda humana, febril, rola pela artéria onde eu habitava. E faz alto à minha porta.

Erquem vivas ao meu nome. Estranhável parecia, a muitos, que a mim se dirigissem tais manifestações. Eu mesmo as julguei excessivas.

Eufim, a massa obreira e seus aleitantes, toma caminho para a Administração do Concelho, a manifestar júbilo pelo bom termo do conflito.

Com efeito, o meu papel no movimento limitou-se a bem pouco. Escrevi esse manifesto lançado a público? Sim. Coordenei o êxito para a comissão de arbitragem? Sim. Defendi, na imprensa, a causa dos operários curtidores e surradores? Sim. E quem, amigo da justiça humana e do humano direito ao trabalho legitimamente remunerado, não teria feito o mesmo?

Regulando, por impulsos morais, a nossa razão de ser na Vida, é egoísta sentir consolação do bem que se faz. Se algum mérito podia ter o meu procedimento, só o encontro na espontaneidade com que actuei.

Pago e repago fiquei, pois, naquele dia em que uma comissão de operários dos couros foi a minha casa para me entregar um diploma de Sócio Honorário da sua Associação. Título honorífico que logo maudei proteger por caixilho e pendurar na minha saleta de trabalho.

Meses de agitação política passaram. Conceleiro, com hostilidade ao regime arma a sua gente. Guimarães dá um contingente para esta... tropa.

Um dia — próximo das Gualterianas de 1912 — rumorosamente sobem ecos de manifestação pública para as bandas da ilha dos pelames. E logo se brada, como coisa combinada e esperada:

— Eles aí vêm! — "Eles", eram os artistas de Rua de Couros. Com "eles", vinham outros; a massa cinzenta que forma o lastró das revoluções.

Tocam os sinos a rebate. Para quê? Ingénua seria a pergunta, se não soubermos do que o rebate dos sinos foi sempre um dos elementos colaboracionistas das cedições populares. Já assim era no tempo da Maria da Fonte.

Na realidade, havia um incêndio. Era, porém, de ordem psicológica.

Perante este panorama belicoso, mordeu-me a veia de um desejo insensato: ir ter com a onda rumorosa daqueles manifestantes, fazer-lhe parar. Praticando assim, prestaria ainda um bom serviço aos de Rua de Couros. Livrava-os de se meterem numa carrapata, que haviam de pagar na cadeia.

E fui. Desci ao Largo do Trovador. Meti para aquele cotovelo que vai dar ao Largo do Cidade. Incontinentemente, subi a um patim que ali havia. A turba dos manifestantes, ondulante, fixou o intruso que se propunha falar-lhe. Eram alguns centos de homens. Por armas de assalto e arremesso, traziam pans. Mais tarde se havia de apurar que, alguns manifestantes, traziam ganchos, aqueles ganchos de dar voltas aos couros nos pelames da curtiembre. E ferros de grosar também.

Alguém, de bom senso, perguntará: Por que fui ao encontro deste motim popular? Por que dirigi a palavra a esta gente? Por que me não limitei — se não era Autoridade — a ser mero espectador?

Fiei-me de ter valimento, prestígio, junto da classe dos surradores e curtidores.

de fontes; arranjo do cemitério. E outras necessidades, não menos urgentes, mas que teriam de ser atendidas despois daquelas: luz eléctrica, telefone, lavadouros.

Aqui fica a exposição das suas necessidades que, sendo todas de apreciável importância, não deixarão certamente de impressionar as autoridades competentes para que dentro do mais curto espaço de tempo deixem de existir.

Sobretudo no caso da escola, cuja inexistência não tem razão de ser e muito prejudica a população infantil com reflexo nos adultos, e também no problema da água, é que a intervenção de quem de direito mais é precisa, pois cada dia que decorre mais agrava estes dois assuntos, já por si de magna importância.

Está a casa que brevemente abrirá na Rua de Santo António.

de fontes; arranjo do cemitério. E outras necessidades, não menos urgentes, mas que teriam de ser atendidas despois daquelas: luz eléctrica, telefone, lavadouros.

Aqui fica a exposição das suas necessidades que, sendo todas de apreciável importância, não deixarão certamente de impressionar as autoridades competentes para que dentro do mais curto espaço de tempo deixem de existir.

Sobretudo no caso da escola, cuja inexistência não tem razão de ser e muito prejudica a população infantil com reflexo nos adultos, e também no problema da água, é que a intervenção de quem de direito mais é precisa, pois cada dia que decorre mais agrava estes dois assuntos, já por si de magna importância.

Está a casa que brevemente abrirá na Rua de Santo António.

de fontes; arranjo do cemitério. E outras necessidades, não menos urgentes, mas que teriam de ser atendidas despois daquelas: luz eléctrica, telefone, lavadouros.

Aqui fica a exposição das suas necessidades que, sendo todas de apreciável importância, não deixarão certamente de impressionar as autoridades competentes para que dentro do mais curto espaço de tempo deixem de existir.

dores, pela ajuda que, pouco tempo antes, lhe havia prestado. Não contava, porém, que a engrossar os elementos desta classe obreira, havia, no momento, muita gente rural desceida das freguesias de Pinheiro, Abação, Polvorosa, Nespereira. Nesta híbrida massa de manifestantes, os trabalhadores coureiros, eram apenas, uma parte. Razão esta do meu insucesso ao dirigir-lhes a palavra de ordem. Fez-se noite em meu coração!

Estou a ver a cena. Eu, trepado a um patim, iluminado por uma cenográfica luz, de claro-escuro. A minha volta, turbamulta do ridículo batalhão coureirista. Soltas as primeiras palavras, já as segundas mal se fizeram ouvir, abafadas pelo vozear de clamorosos protestos, de entre os quais pude distinguir estes mímos:

— Vá falar aos pretos!!! — Atira-se já aos pelames!!!

A comédia de um ataque ao regime, com paus e chuços, ia-se inclinando, dest'arte, para a tragédia. Ainda tentei soerguer-me, anidando o timbre à voz. Mas inútil. Tive que me descer do patim, de viola no sacco. Alguns bons operários me rodearam, com palavras de desculpa. Afirmavam-me — não serem os culpados da chufa que sofri. Caso foi — que me havia enganado. O meu prestígio não chegou para atabañar o chinfrim. Foi então necessária a intervenção da força armada. Veio à baixa uma força de Infantaria 20.

A apurar responsabilidades, chega à terra, tempo depois, um Magistrado judicial com seu escrivão. E começa a devassa:

— Diga o que sabe! — Pergunta-me o Dr. Sá Fernandes. E o depoente, uada sabe, nada diz, nada revela que comprometa a malta realista do grotesco movimento, ocorrido vai para 35 anos.

Veremos o mais que se passou, tempo depois, em um Tribunal do Porto.

A. L. de Carvalho.

A falta de habitação e suas consequências

Continua a constituir um sério problema a falta de casas de habitação em Guimarães.

Com o aumento crescente que a população cidadã vai sofrendo, muito pouco há feito para a alojar convenientemente e, com a formação de novos lares, mais e mais se acentuam essas atentas dificuldades, como também se reconhecerá o desconhecimento do viver populacional.

Vê-se a campear em liberdade a promiscuidade familiar; sente-se o atropelo de sombras que se cruzam nos lanços das escadas; escuta-se o desrespeito pelos mais rudimentares preceitos da moral; observa-se a falta de higiene; ateam-se as influências próprias do contacto dos agregados humanos; auscultam-se a pobreza no seu conceito amplo de conjunto; define-se a incoerência da tristeza de viver; e, por tudo e acima de tudo, exprobam-se o desprezo em que é tido o culto da dignidade da pessoa humana...

E, no entanto, convencidos estamos que ninguém de sentimentos dignos deixará de confessar a realidade da nossa insuficiente capacidade de vida local ou pretenderá afirmar que navegamos em boas condições ou boa maré no que respeito às necessárias condições de moradia e habitação.

Todos nós nos sentimos confrangidos, e de coração apertado ao meditar, por um instante que seja, na acuidade gravíssima do nosso nível de vida no que respeita a este problema.

Mesmo usando a teoria da breve nota ou pretendendo impor como pequenos os grandes problemas, o certo é que raras são as ruas onde este estado de coisas não se verifique ou não se concretize as más condições de viver da gente cidadã.

Ruas se percorrem de lé-a-lés em que a proporção do casario não está em relação à sua densidade populacional, quer em formação material, quer em cubagem; como a observação nos diz também que, noutras artérias, vivem seres humanos em condições de verdadeira miséria, já pelas espeluncas a que se acolhem, já pelo que atraí os olhos do viandante a sua inversão de valores.

Não há muitos dias, ainda, que numa das mais belas avenidas da nossa Terra, a Avenida Conde de Margaride, a nossa inclinação e espírito observadores depararam com uma família de cerca de 8 pessoas a residir ao abrigo duma rampa de acesso a determinado terreno, verdadeiramente entocada e em contraste com o falso espírito dos modernos tempos...

E, segundo informações colhidas, ad hoc o abrigo oferecido tão generosamente a essa infeliz família, custava-lhe renda onerosa e, na própria estrutura da sua exemplificação, não se desviava muito das conhecidas e milenárias construções pré-históricas, na

CONTRASTES!...

Tempestade tipográfica

A deslocação de algumas "epígrafes", e a existência de algumas gralhas e de alguns erros de ortografia dos últimos "Contrastes", não devem ter passado despercebidos aos leitores do "Notícias", sobretudo aqueles que não gostam de misturar alhos com bugalhos. Estes, pelo menos, deverão ter estranhado que falássemos de barbaridades praticadas nas corridas de toiros, em Espanha, sob a epígrafe «Insistindo mais uma vez» e que nos referíssemos aos serviços de sinaleiros e de policiamento da cidade, sob a epígrafe «Civilização ou barbaria?». Como se verifica, as referidas epígrafes foram desloçadas, ocorrência proveniente dos ossos do ofício, outrotanto sucedendo quanto a gralhas e erros ortográficos, destacando nestes o de cumpridas em vez de compridas, no assunto referente à saia do vestido, que poderá ser comprida, se a moda for cumprida. Ao resto não vale a pena fazer referência, porque não queremos abusar do espaço do Jornal que possa fazer falta a assuntos mais importantes nem deixar a impressão de que não sabemos fazer a devida justiça à competência das pessoas a quem está confiada a composição e impressão do "Notícias". Como acima dizemos, são ossos do ofício e, felizmente, são pouco vulgares os enganos dessa natureza no Jornal em referência.

Até que enfim!

Como boa nova, embora já não seja primeira mão, anunciamos a de ter sido estabelecido o serviço de sinalagem, com o funcionamento de dois postos, que, não sendo em número suficiente, com certeza o será dentro de curto prazo. Para já, ficou resolvida, em parte, essa justa aspiração e oxalá que o mesmo aconteça, sem demora, no que diz respeito ao policiamento da cidade, cuja deficiência é bem manifesta e até bem sentida. Os guardas destacados para esse serviço são em número muito diminuto e pena é que esta cidade não seja policiada convenientemente, de forma a esse serviço de interesse público corresponder aos

desejos da população cidadã. No entanto, apareceram os primeiros sinaleiros e é de crer que em breve apareça melhorada a organização dos turnos daquele serviço. Fazemos votos para que assim seja e, então, voltaremos a dizer: Até que enfim!

Senhorios e inquilinos

E justificada a ansiedade com que os senhorios e inquilinos aguardam a redacção definitiva da lei do inquilinato, em discussão na Assembleia Nacional. Uns e outros têm interesses ligados a esse facto, razão por que o assunto é digno de toda a ponderação e do maior escrupulo de justiça e de consciência, embora assim não o entendam «aqueles que julgam conhecer a vida, instalados em carros de centenas de contos», como disse o ilustre Deputado Sr. Major Ribeiro Casais. Torna-se necessário, sem dúvida, que se corrijam certos abusos de senhorios e inquilinos, assim como necessário se torna que o nível de vida da classe média e da classe pobre seja melhorado, afim de poder suportar um possível aumento de renda, circunstância que deveria estar prevista no Parecer da Câmara Corporativa, ao sugerir, para já, o de 20%. Por outro lado, não nos parece justo nem humano que os bons e os maus senhorios sejam contemplados de igual forma, conhecida como é a existência de senhorios com a devida consideração pelos seus inquilinos e a daqueles que fazem dos mesmos uns autênticos escravos da falta dessa consideração. Uma outra circunstância a ter em vista é a de um inquilino habitar uma casa higiénica e confortável em iguais condições de renda à de outro que habita um pardieiro sem quaisquer vestígios desse conforto e dessa higiene, com a agravante do respectivo senhorio se negar terminantemente a melhorar esse estado de coisas, mesmo que lhe seja oferecido qualquer benefício como compensação. Conhecemos alguns casos desses e a seu tempo os revelaremos, se necessário for. De resto, há casos em que o senhorio é vítima do inquilino, designadamente tratando-se de sublocações, em que este paga àquela quantia inferior à que recebe. Evidentemente, que não podem ser tolerados semelhantes casos. No entanto, aguardemos o que vier e depois voltaremos ao assunto.

Reprimindo abusos

Foram publicadas, recentemente, algumas disposições relativas aos abusos, tão frequentes, do excesso de velocidade, ao qual se devem tantos e tantos desastres, na maior parte de consequências muito lamentáveis. Perante as actuais providências do Governo, torna-se maior e mais rigorosa a observância desses destemperos, sempre perigosos para a vida dos transeuntes, muito mais valiosa do que a loucura e a imprevidência de certos condutores de automóveis e de outros transportes mecânicos. Resta, agora, que as Autoridades respectivas cumpram e façam cumprir essas providências, castigando-se com severidade quem prevaricar.

Aspectos do Porto

No Porto, onde a miséria é muita, a beneficência tende a alargar-se, embora lentamente. Agora temos uma outra Obra, bem útil e simpática, que protege, eficiente e carinhosamente, o poente e o nascente...

Simplificando, digamos que essa Obra protege senhoras velhinhas (no «Lar de Nossa Senhora da Piedade»), que, em tempos idos, viveram desafogadamente, assim como crianças pobres (no «Lar da Criança Portuguesa»), num só edifício da rua 5 de Outubro.

Visitei esses «Lares» e fiquei muitíssimo bem impressionada. Ali, há ordem, há método, conforto e carinho. Razão têm as senhoras velhinhas, internadas, ao dizer que «estão no céu!»

Não páira, ali, aquela frialdade, aquele desconforto, que caracterizam a maior parte das Casas de Beneficência.

O seu ambiente aquece e convence. Sente-se, em todos os compartimentos do edifício, qualquer coisa indefinível que se assemelha ao colorido e calor de um autêntico lar de classe média, onde haja, bem entendido, bom gosto e conforto.

A fundadora e directora da Obra em foco, Senhora Dona Maria Leonor Cochfeld de

Miranda Mendes, da nossa melhor sociedade e, bem mais importante do que isso, de boas e amplas ideias e de grande iniciativa, aspira adquirir, por meio de empréstimo que contrairia, um grande edifício na Foz do Douro afim de poder alargar a sua benemérita Obra. Desse modo, mais crianças, de ambos os sexos, e mais senhoras velhinhas seriam favorecidas, eficazmente, e, por conseguinte, ao andarmos pela cidade, depararíamos com uns tristes quadros a menos entre os muitos que nos ferem de onde em onde.

Oxalá, pois, que os Lares de «Nossa Senhora da Piedade» e da «Criança Portuguesa» se desenvolvam mais, e muito mais, para o bem dos necessitados e de todos que sofrem ante o infortúnio alheio. Para isso, claro, é preciso capital... Mas esperemos que entidades oficiais e particulares corram a auxiliar uma Obra que, em todos os pontos de vista, merece simpatia e apoio.

Isaura Correia Santos.

RECITAL DE PIANO

É na próxima quinta-feira, 29 do corrente, que no Salão Nobre do Grémio do Comércio se realiza o anunciado recital do pianista-compositor, Eurico Tomaz de Lima, cujo programa executar é o seguinte:



PRIMEIRA PARTE

«2.ª Sonata» — Eurico Tomaz de Lima.

SEGUNDA PARTE

«Suite Portuguesa» — Eurico Tomaz de Lima.

«Valsa - Capricho» — J. Strauss-Tausig.

«Polaca Op. 53 (Heroica)» — Chopin.

TERCEIRA PARTE

«La Campanella» — Paganini-Liszt-Busoni.

«Jogos d'Agua» — Ravel.

«Estudo de Concerto» — Marcel Ciampi.

Apeadeiro em Infias

Por informações recebidas directamente da Direcção Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.), o projectado apeadeiro em Infias, junto do lugar de Atim, será construído num futuro próximo. De momento a C. P. ponderou a vantagem de esse apeadeiro, pedido por uma representação de toda a freguesia de Santa Maria de Infias, mas devido a dificuldades transitórias só mais tarde será satisfeita essa justa pretensão da laboriosa freguesia de Santa Maria de Infias. Oxalá ela não se faça esperar.

Troca de passaportes

Todos os interessados poderão, caso queiram, trocar os seus passaportes de modelo antigo pelos do modelo em vigor, devendo para tanto dirigirem-se ao Governo Civil, fazendo se acompanhar do bilhete de identidade e uma fotografia.

DECLARAÇÃO

António Alberto Pimenta Machado, residente em Guimarães, sócio da Firma Alberto Pimenta Machado & Filhos, torna público que não faz parte da Comissão que se constituiu e se propõe levar a efeito a construção de um PARQUE DE JOGOS destinado à prática das seguintes modalidades: Ténis, Qnque em patins, Volei e Basquet-Ball, da qual aliaz fazem parte pessoas que merecem a sua maior estima. O seu nome, porém, só por lamentável equívoco pôde ter sido incluído numa circular endereçada a várias pessoas, visto que para tal não deu o seu assentimento.

Guimarães, 23 de Abril de 1948.

António Alberto Pimenta Machado.

eva 833

E' a casa que brevemente abrirá na Rua de Santo António.

de fontes; arranjo do cemitério. E outras necessidades, não menos urgentes, mas que teriam de ser atendidas despois daquelas: luz eléctrica, telefone, lavadouros.

Aqui fica a exposição das suas necessidades que, sendo todas de apreciável importância, não deixarão certamente de impressionar as autoridades competentes para que dentro do mais curto espaço de tempo deixem de existir.

Sobretudo no caso da escola, cuja inexistência não tem razão de ser e muito prejudica a população infantil com reflexo nos adultos, e também no problema da água, é que a intervenção de quem de direito mais é precisa, pois cada dia que decorre mais agrava estes dois assuntos, já por si de magna importância.

Está a casa que brevemente abrirá na Rua de Santo António.

de fontes; arranjo do cemitério. E outras necessidades, não menos urgentes, mas que teriam de ser atendidas despois daquelas: luz eléctrica, telefone, lavadouros.

Aqui fica a exposição das suas necessidades que, sendo todas de apreciável importância, não deixarão certamente de impressionar as autoridades competentes para que dentro do mais curto espaço de tempo deixem de existir.

Sobretudo no caso da escola, cuja inexistência não tem razão de ser e muito prejudica a população infantil com reflexo nos adultos, e também no problema da água, é que a intervenção de quem de direito mais é precisa, pois cada dia que decorre mais agrava estes dois assuntos, já por si de magna importância.

Está a casa que brevemente abrirá na Rua de Santo António.

de fontes; arranjo do cemitério. E outras necessidades, não menos urgentes, mas que teriam de ser atendidas despois daquelas: luz eléctrica, telefone, lavadouros.

Aqui fica a exposição das suas necessidades que, sendo todas de apreciável importância, não deixarão certamente de impressionar as autoridades competentes para que dentro do mais curto espaço de tempo deixem de existir.

Sobretudo no caso da escola, cuja inexistência não tem razão de ser e muito prejudica a população infantil com reflexo nos adultos, e também no problema da água, é que a intervenção de quem de direito mais é precisa, pois cada dia que decorre mais agrava estes dois assuntos, já por si de magna importância.

Está a casa que brevemente abrirá na Rua de Santo António.

Síul.

Uma meia de seda finíssima, comprará V. Ex.ª

na eva

832

VITÓRIA SPORT CLUB

Exploração do Bufete

A Direcção aceita propostas para a exploração do Bufete da sua nova Sede, em carta fechada, até ao dia 30 do corrente, reservando-se o direito de adjudicação.

817

FUTEBOL

○ Vitória bateu o Boavista por 2-1

Farta assistência registou no passado domingo o Campo da Amorosa para presenciar o encontro Vitória-Boavista.

A acompanhar o grupo portuense veio grande falange de adeptos, alguns dos quais nos deram, pelas ruas da cidade e no campo onde se travou a luta, bem triste ideia do seu grau de civilização.

O encontro, arduamente disputado, terminou com o triunfo da equipe vimaranense — na verdade aquela que mais e melhor o mereceu.

O Boavista, que veio até nós com o moral fortalecido pelos últimos resultados que obteve, entre os quais avulta a vitória sobre os actuais Campeões de Portugal, desceu ao terreno animado pela ideia do triunfo, tanto mais que sabia ter a apoio-lo grande número de entusiastas, espalhados por todos os pontos do campo. Mas o Vitória é que também não esqueceu o papel que lhe cabia, indo para a luta de ânimo forte e disposto a conseguir um resultado de que necessitava, para o qual, diga-se em boa verdade, dispunha de mais probabilidades de que o seu antagonista.

Assim, o jogo foi emotivo, embora áspero por vezes, porque os grupos, patenteando bastante equilíbrio de forças, não esmoreceram um só momento para atingir o fim que ambos almejavam — vencer.

Este encontro, que desde o princípio ao fim manteve os assistentes sob grande tensão nervosa, podia ter marcado, pelo apego à luta que se verificou, como excelente espectáculo, se o trabalho de arbitragem tivesse sido mais consciente e mais digno. Assim, foi como tantos outros que não deixam saudades, tal o número de irregularidades de que enferrou.

Quando deixarão de aparecer nos campos de desporto homens que, como esse Sr. João Vaz, parece terem prazer em irritar toda a gente pela falta de escrúpulo e de dignidade que patenteiam? Quando será isso?

O Boavista iniciou o encontro de rompante, conseguindo nas primeiras jogadas mandar uma bola à trave do Vitória, que causou surpresa e pânico na respectiva defesa. Mas não tardou que os vimaranenses ripostassem no mesmo jeito, tomando então a luta grande movimentação e equilíbrio. Com o decorrer do tempo, porém, a vantagem territorial dos locais foi-se acentuando, terminando por conferir-lhes o triunfo, que só não foi justificado por ser excessivamente escasso de tentos. Na verdade, a vantagem de uma bola não traduz de maneira nenhuma a superioridade dos vimaranenses, principalmente na segunda parte, nem diz nada sobre as oportunidades de que dispuseram para fazer subir o marcador.

A vários factores, porém, se deve o sucedido, salientando-se entre todos a pouca sorte que bafejou os homens do ataque em alguns lances de goal feito.

No Vitória tudo esteve bem, à excepção dos extremos. Teixeira e Franclim, os homens que ocuparam esses postos, não cumpriram. O primeiro, que apareceu a substituir Alcino — cuja falta foi bem notória — mostrou pouca destreza de movimentos, consequência da falta de contacto com a bola e também efeitos da idade. Louve-se-lhe todavia a boa vontade demonstrada. O segundo, em «tarde cinzenta»,

só para final do encontro patenteou algum interesse, dando-nos no resto da partida uma errada ideia do seu real valor. E' pena que às vezes assim menospreze as admiráveis qualidades de jogador que possui. E' pena e é feio!

O Boavista teve excelente comportamento na defesa, onde brilhou António Caiado. Na linha média notabilizou-se Serafim, que também deu nas vistas pela sua costumada incorrecção. No ataque, Armando Caiado foi o elemento de maior evidência.

O Vitória obteve o primeiro tento aos 13 minutos, de grande penalidade, originada por Quincoces e transformada por Brioso, sendo este o único tento da primeira parte.

No segundo tempo, o Boavista, contra a corrente do jogo, empatou aos 33 minutos, por Zeca, e o Vitória obteve o tento do triunfo, cinco minutos depois, por Teixeira.

Os grupos: Vitória — Machado, Ferreira, Costa, Armando, Curado, Luciano, Franclim, Rebelo, Brioso, Miguel e Teixeira.

Boavista — Mota, António Caiado, Quincoces, Ramada, Serafim, Ramos, Zeca, Luzia, Armando, Fernando Caiado e Barros.

Muito mau o trabalho de arbitragem do Sr. João Francisco Vaz, de Lisboa — que para isso escusava ter vindo tão de longe...

Antes de encerrarmos estes fugidios comentários ao jogo não queremos deixar de louvar o serviço policial no campo. Logo que surgia um princípio de escaramuça entre assistentes brigões, prontamente a acção da polícia se fazia sentir... no lombo dos contendores.

E assim foi que as coisas não foram longe. E' assim mesmo! Os campos de futebol não são «rings» de box...

J. Gualberto de Freitas.

AGRADECIMENTO

Com geral agrado e em benefício do Asilo de Santa Estefânia, realizou-se no passado dia 14 de Abril uma sessão cinematográfica.

Promovendo esta sessão, mais uma vez a benemérita Empresa do Teatro Jordão quis contribuir para a sustentação e manutenção do Lar das pequeninas internadas que já muito e muito lhe devem.

As casas de caridade de Guimarães vêm atravessando um grave período de dificuldades, bem carecendo do auxílio de todos os corações bondosos, sendo o Asilo de Santa Estefânia, porque de todas é a mais pobre, e porque sustenta, educa e prepara para a vida cerca de 70 pequeninas órfãs, de constituição débil quase todas e não podendo, por isso, prestarem o auxílio do seu trabalho, aquela que mais sentido tem as dificuldades da hora presente.

Bem haja pois a benemérita Empresa do Teatro Jordão por tudo o que generosa e espontaneamente vem fazendo em favor das casas de caridade, e bem hajam todas as pessoas que aceitaram bilhetes para esta sessão, pagos em grande número generosamente.

A todos, em nome das pequeninas internadas, reconhecidamente agradece

A Direcção do Asilo de Santa Estefânia, Guimarães, 20 de Abril de 1948.

Meu caro senhor: Terá na casa a sua camisa pre- **eva** ferida.

INDUSTRIA CONDICIONADA A 5 TEARES MECANICOS Informa esta Redacção.

da cidade

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Fernando Lindoso

Na sua residência ao Largo do Trovador finou-se no domingo à noite o nosso bom amigo e estimado vimaranense Sr. Fernando José Sampaio Peixoto de Bourbon (Lindoso), de 60 anos de idade, casado com a Sr.^a D. Maria Manuela Peixoto de Bourbon do Amaral e Freitas, irmão das Sr.^{as} D. Maria Amélia Sampaio Peixoto Bourbon do Amaral e Freitas e D. Maria de Lourdes Sampaio Peixoto Bourbon da Cunha e Castro, e dos Srs. P.^s João Pedro Sampaio Peixoto de Bourbon (Lindoso), Dr. Gonçalo Sampaio Peixoto de Bourbon (Lindoso), Gaspar e Manuel Sampaio Peixoto de Bourbon (Lindoso); cunhado dos Srs. António Bourbon do Amaral, Gonçalo Bourbon do Amaral e Francisco Bourbon do Amaral e dos saudosos vimaranenses Srs. Dr. António do Amaral Pinto e Freitas e Augusto Mendes da Cunha e Castro.

O pranteado Fernando Lindoso pelo seu espírito alegre e trato lhano contava muitas simpatias no nosso meio, sendo bastante sentida a sua inesperada morte.

O seu funeral realizado na terça-feira, às 11 horas, na paróquia de S. Sebastião, afirmou-o por forma bem notável.

O amplo templo estava repleto de pessoas de todas as posições sociais: médicos, sacerdotes, advogados, professores, proprietários, oficiais do exército, funcionários públicos, comerciantes e industriais, estudantes, empregados do comércio, senhoras, instituições de assistência, etc., etc.

A missa do corpo presente foi rezada pelo irmão do extinto o Rev. João Pedro de Sampaio Bourbon (Lindoso) que também presidiu aos responsos que foram entoados por diversos sacerdotes. A chave do caixão foi entregue também ao irmão do finado o Sr. Dr. Gonçalo de Sampaio Bourbon (Lindoso), tendo pedado ao caixão alguns estudantes do nosso Liceu que, desse modo, se apresentaram a prestar a derradeira homenagem em representação da Academia Vimaranense a um «estudante velho».

O cadáver foi trasladado, após as homenagens fúnebres e em auto-funeral para o cemitério de Atouguia onde ficou inhumado em jazigo de família. No préstito tomaram parte algumas dezenas de automóveis que conduziam pessoas de família e numerosos amigos dedicados do saudoso finado, entre os quais vimos, em condigna representação, os «estudantes velhos» que foram, como foi Fernando Lindoso, «nicolinos» entusiastas.

«Notícias de Guimarães», que se fez representar no funeral pelo seu Director, que também representava o Poeta Delfim de Guimarães, apresenta sentidos pésames a toda a família dorida.

Virgílio Ribeiro Osório

Em Braga, onde acidentalmente se encontrava, finou-se há dias o Sr. Virgílio Ribeiro Osório, 2.^o sargento de Infantaria reformado e que nesta cidade, onde residia, se dedicava ao comércio de comissões e representações.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos: No dia 26, o nosso prezado amigo sr. Camilo Nogueira da Costa; no dia 28, os nossos bons amigos srs. João Gonçalves, Dr. João Neto, Alexandre Coelho Vilarinho, de Lisboa, Domingos Ribeiro e o menino Gaspar Ribeiro Jordão, filho do nosso prezado amigo sr. Francisco Lage Jordão; no dia 27, o nosso bom amigo sr. Ezequiel de Sousa; no dia 30, mademoiselle Rosa Pinto de Faria e a sr.^a D. Aurélio de Oliveira Freitas; no dia 1 de Maio, a sr.^a D. Matilde da Costa Teixeira e os nossos bons amigos srs. Francisco Correia Lopes e Manuel de Freitas; no dia 2, mademoiselle Alair Terrellia de Freitas Marques, a sr.^a D. Maria do Céu Rebelo e o nosso bom amigo sr. Braulio Teixeira Carneiro.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Casamento

No Mosteiro de Santa Marinha da Costa consorciaram-se na segunda feira passada o nosso bom amigo sr. António Augusto Queiroz Castro, filho do também nosso bom amigo e conceituado comerciante sr. Francisco Ribeiro de Castro e de sua esposa a sr.^a D. Maria Teresa Queiroz Dias de Castro e a gentil menina Maria da Natividade Cardoso Almeida Ribeiro, filha do nosso prezado amigo sr. Domingos de Almeida Ribeiro e da sr.^a D. Maria Esmeralda Cardoso Ribeiro, já falecida.

Foi celebrante o amigo do noivo o Rev. António Alexandre Ferreira de Melo, muito digno Coadjutor da Matriz de Viana do Castelo que dirigiu aos noivos uma brilhante alocução.

Paraninfaram por parte do noivo seus pais e por parte da noiva, seu pai e sua avó.

Após o acto religioso e no Restau-

rante do Teatro Jordão foi servido a todos os convidados um primoroso copo d'água, no decorrer do qual foram feitos brindes pelas felicidades dos simpáticos noivos, seguindo estes para o Alto Minho em viagem de núpcias. Desejamos-lhes as maiores venturas.

Pedido de casamento

Pelo nosso amigo sr. Manuel Pinto dos Santos e sua esposa, foi há dias pedida em casamento, para o também nosso amigo sr. Jorge de Lemos Feres, estimado engenheiro-auxiliar da firma Jordão, Filhos, Ltd.^a desta cidade, a gentil menina Joaquina da Conceição Alves, filha da sr.^a D. Maria da Conceição Alves e do sargento sr. Albino Alves, já falecido.

Aos noivos desejamos desde já muitas venturas.

Partidas e chegadas

Estive entre nós o nosso prezado amigo sr. Izidro J. Dias Pinto, de Portalegre.

Cumprimentamos nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins, que regressou com sua esposa do Congo Belga e que segue para Londres, em viagem recreativa.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso querido amigo sr. José Maria Pinto de Almeida, de Lordelo.

Estiveram em Lisboa, de onde já regressaram, os nossos prezados amigos e conceituados industriais no Peidém sr. José Rodrigues Guimarães e Albano Martins Coelho de Lima.

Tem estado também em Lisboa onde foi tratar da sua saúde, o nosso bom amigo e conceituado industrial sr. Joaquim da Silva Xavier, acompanhado de sua esposa.

Estive entre nós o nosso bom amigo sr. Joaquim H. Cunha e Costa, de S. Mamede (Porto).

Fizou residência nesta cidade o nosso bom amigo sargento sr. Júlio Mendes.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. José Gomes de Sousa, da Cuca (Vizela).

Doentes

No Hospital da Misericórdia, onde tem estado internado em quarto particular, foi submetido a uma intervenção cirúrgica que decorreu muito bem, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Augusto de Araújo, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

A fim de tratar da sua saúde tem estado no Porto a esposa do nosso prezado amigo sr. Tenente Manuel Peres, Comandante da P. S. P.

Na mesma cidade continua em tratamento o nosso prezado amigo e ilustrado sacerdote rev. Horácio Pereira da Silva.

Tem passado doente a sr.^a D. Maria da Conceição da Silva Carvalho, esposa do nosso querido amigo sr. Amadeu da Costa Carvalho.

Desejamos as melhores dos doentes.

Oração

No Hospital de Matosinhos foi operado pelo Sr. Dr. Mário Caráia a sr.^a D. Maria Maximina da Silva Baptista de Abreu, professora de Lavouras no Liceu de Martins Sarmento, desta cidade.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha.

Feira Anual dos Lavradores

No decorrer da Feira Anual de Gado que no domingo se realizou, como estava anunciado e na forma dos demais anos, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, por iniciativa da Associação dos Lavradores e Agricultores, foi feita a seguinte classificação dos expositores:

Touros de 2 dentes: 1.^o prémio, Agostinho Ribeiro, do lugar da Aldeia, V. N. de Sande, 60\$00; 2.^o dito, Maria Tareza, do lugar da Bouça, Urgezes, 30\$00.

Vacas de criação (Juntas). 1.^o prémio, Manuel Pereira, do lugar das Lamas, Taboado, 80\$00; 2.^o dito, António Teixeira, do lugar do Campo, Urgezes, 40\$00.

Vacas leiteiras, turinas: 1.^o prémio, João Ribeiro, do lugar do Robalo, Creixomil, 50\$00; 2.^o dito, José Gonçalves, do lugar da Cruz, Silveiras, 30\$00.

Bois de trabalho: 1.^o prémio, Rufino Cardoso, do lugar do Sardoal, Urgezes, 80\$00; 2.^o dito, Joaquim Alves, do lugar de Além, Taboado, 40\$00.

Vacas isoladas: 1.^o prémio, Domingos Ferreira das Neves, do lugar do Bairro, Fermentões, 60\$00; 2.^o dito, António Mendes, do lugar de Creixomil, S. Tiago de Candoso, 30\$00.

Por ocasião da missa que a Associação dos Agricultores e Lavradores mandou celebrar, no templo de S. Dâmaso, sufragando a alma dos sócios falecidos, foi benzida pelo Rev. Arcipreste uma nova bandeira para a Associação.

Câmara Municipal

Na sua sessão do dia 20 do corrente, a Câmara Municipal nomeou, por unanimidade e por escrutínio secreto, Aspirante do quadro privativo da Secretaria da Câmara Municipal nomeou, por unanimidade e por escrutínio secreto, Aspirante de qua-

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.

O maior êxito de todos os tempos
SINFONIA INCOMPLETA
com Martha Eggerth, Hans Jaray, Louize Ullrich e música de SCHUBERT.

Quarta-feira, 28, às 21,30 horas:
Uma mina de ouro de entretenimentos: Amor, aventura, música e emoção
A BELA DE YOKON
(em technicolor)
— com Randolph Scott, Gypsy Lee e Dinah Shore. —

Sexta-feira, 30, às 21,30 horas:
O único filme que suplantou "Rebecca", e "Monte dos Vendavais",
GRANDES ESPERANÇAS
com John Mills, Valerie Hobson e Jean Sinmomm.
2.^o prémio obtido dentre todos os filmes apresentados na América.

Caves de Vinho "MONTANHEZ," (VINÍCOLA DE BASTO)

Apresenta os seus vinhos «Branco e Tintos» em garrafas e botijas de excelente apresentação:

- VINHOS BRANCOS:
MONTANHEZ QUINTA DA TORRE AZAL PRECIOSO CEU AZUL VILALVA
- VINHOS TINTOS:
MONTANHEZ QUINTA DA TORRE
- ESPUMANTES:
CHUVA DE PRATA OURO DE BASTO

de excelente paladar.
Em garrafas de 5 litros (Vinho Verde):
TINTO, QUINTA DA TORRE 12\$50
" MONTANHEZ 15\$00
BRANCO " 17\$50

AGUARDENTE VELHA:
MONTANHEZ QUINTA DA TORRE

Dar preferência a estas marcas de vinho, já bem conhecidas, é possuir bom gosto e ter a certeza de ficar bem servido.

Representante no Concelho de Guimarães:
Rodrigo Fernandes Abreu
Largo da República do Brasil, 12.

Sedas - Lãs - Artigos de Algodão

Miudezas - Meias - Peugas - Camisas - Gravatas
TEIXEIRA & GONÇALVES, L.^{DA}
Rua de Santo António, 26-30 • Guimarães

Às Srs. Industriais

Mestre de Tecelagem competente, com conhecimentos tanto técnicos como de debuxo, com alguns dias na semana disponíveis, oferece os seus serviços, tanto para orientar como para executar.
Conhecendo toda a contextura de tecidos, especializado em atalhados, mesa, rosto, felpos, etc., tanto em Jacquard como em maquinaeta.
Aos Srs. Industriais que queiram utilizar-se de algumas lições, também vai ao domicílio.
Nesta Redacção se informa.

dro privativo da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, o funcionário sr. Américo da Costa Gouveia Ramos.

Rede Telefónica
Iniciaram-se já e decorrem com muita actividade os trabalhos para a ampliação da rede telefónica do Distrito, o que muito vem beneficiar os respectivos serviços. Espera-se que a ampliação da rede possa ficar concluída até ao fim do verão.

Pelo Tribunal
Em tribunal colectivo respondeu Samuel Martins Gonçalves, solteiro, operário fabril da freguesia de Urgezes, acusado, no dia 28 de Outubro do ano findo, ter agredido à navalhada Abílio Alves Miranda, casado, operário fabril, causando-lhe a morte.
Foi condenado na pena de 6 anos de prisão maior celular seguidos de degredo por 10 anos, ou em alternativa de pena de degredo por 20 anos, em possessão de 1.^a classe, em 1.000\$00 de Imposto de Justiça e em 15.000\$00 de indemnização à família da vítima.

Demonstrações de práticas agrícolas
Por iniciativa do Grémio da Lavoura de Guimarães realizam-se, de 24 de Abril a 2 de Maio próximo, uma serie de palestras e demonstrações de práticas agrícolas, para amadores de colmeias móveis, dirigidas pelo Director do Posto Central do Fomento Agrícola, devendo os interessados fazer a sua inscrição na sede do Grémio da Lavoura.

Fernando Pizarro de Almeida
ADVOCADO
ESCRITÓRIO:
Rua de Gil Vicente, 66
GUIMARÃES
Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

Mais 80.000 contos para casas para trabalhadores

No plano de obras a realizar no ano corrente pela Direcção Geral dos Edifícios Nacionais sobressai a construção de casas económicas que importará em 80.000 contos.

Dentro da política social portuguesa a obra das casas económicas marca um capítulo notável. Com efeito, quer permitindo habitação nos grandes centros onde é notória a crise de alojamentos quer compensando moradores cujas habitações foram consideradas impróprias ou expropriadas, as casas económicas realizam a alta finalidade constitucional e humana de dar moradia saudável, airoso, alegre, a muitos milhares de famílias.

Uma série de diplomas regula a sua construção, a iniciativa que na matéria têm o Ministério das Obras Públicas e o Subsecretariado de Estado das Corporações, bem como as autarquias locais, as Misericórdias e simples entidades, ao mesmo tempo que estabelecem as condições de habitação, amortização, etc., conjunto que, iendo em vista dignificar a família, permite, mediante renda módica, a aquisição da respectiva moradia.

E que se trata de empreendimento a que o Governo português tem dado o maior impulso, prova-o a estatística das casas económicas já construídas e a construir em breve, totalizando 11.182 (5.572 já habitadas e as restantes já previstas na lei e a construir em breve).

Lisboa possui 3.458 dessas casas habitadas: 481 no bairro do Arco do Cego, 283 no da Ajuda, 282 no do Alto da Ajuda, 220 no do Alto da Serafina, 204 no das Terras do Forno (Belém), 472 no da Madre de Deus, 1.092 no da Encarnação, 152 no do Alvíto e 27 no do da Calçada dos Mestres. O Porto tem 1.276, assim distribuídas: 54 no bairro do Ilheu, 102 no de Condominhas, 304 no do Ameal, 114 no da Azenha, 180 no de Paranhos, 148 no de Ramalde, 234 no de Contumil e 240 no de Costa Cabral. Na provincia, a distribuição de bairros económicos já concluídos está assim feita: 132 casas em Braga, 24 em Bragança, 66 em Olhão, 100 em Pottimão, 64 em Viana do Castelo, 76 em Vila Viçosa, 34 em S. João da Madeira, 60 em Coimbra, 78 em Guimarães, 70 na Covilhã e 34 na Guarda.

Das casas a construir, já previstas na lei, a sua distribuição é a seguinte: 3.154 em Lisboa, 356 no Porto, 300 em Caselas (100 já construídas) nos arredores de Lisboa, 154 nos do Porto, 500 em Almada, 500 em Coimbra, 220 em Setúbal, 100 em Olhão, 102 no Entroncamento, 102 em Faro e 122 na Covilhã.

Estes números, a que é preciso juntar os dos bairros fabris, dispensam comentários. Significam apenas uma política de dignificação humana que se promete e se realiza em Portugal.

“O Desforço”

No passado dia 22, o nosso prezado colega de Fafe «O Desforço», entrou no seu 55.º ano de existência, sendo dirigido há 52 anos a esta parte pelo nosso querido camarada e amigo Sr. Artur Pinto Basto, a quem queremos abraçar e felicitar, por tal motivo, com votos de muitas prosperidades.

Teçidos de Algodão e Seda

Accepta representação em Lisboa, R. DA SILVA PACHECO — Rua dos Douradores, 134-2.º. Informam: Silva Guimarães & C.ª e Macedo, Magalhães & C.ª — Guimarães.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 16 de Abril de 1948

Sob a presidência do Provedor Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida, aprovada e assinada a última acta, o Sr. Provedor, referindo-se ao encerramento da Conta da Gerência de 1947, disse o seguinte:

No decorrer do ano findo, procurou a Mesa não se desviar da orientação que tem seguido em anos anteriores, isto é, manter a assistência hospitalar aos doentes internos e externos que a solicitassem e, bem assim, aquela que tem sido prestada por intermédio dos Asilos a cargo desta Santa Casa.

Dentro desse critério, nada se recusou aos pobres e alguns melhoramentos se realizaram, entre os quais a conclusão do restauro no claustro, na importância de 51.669\$40, para que foi concedida pelo Estado a segunda comparticipação de 21.996\$42; adquiriu-se mais algum material cirúrgico e melhoraram-se muito os serviços de desinfecção, com o que se gastou a importância de Esc. 52.450\$70; adquiriu-se novo mobiliário para Enfermarias, na importância de 17.216\$00; fizeram-se obras de reparação e conservação de prédios, na importância de 68.521\$95, etc.

De resto as verbas mais avultadas da despesa foram as da manutenção e farmácia, respectivamente, de Esc. 268.961\$42 e 82.094\$28, não estando incluídos na manutenção dos Hospitais e Asilos os rendimentos das diferentes propriedades rústicas.

Evidentemente, que outras despesas se efectuaram, como se verifica pelo montante das mesmas, que foi de 908.648\$30, sendo as receitas de Esc. 953.325\$74, estando incluída nesta soma a quantia de alguns saldos cativos e que, portanto, não podem ter aplicação diferente daquela a que são destinados.

Quanto ao movimento hospitalar da Misericórdia, durante o mesmo ano, foi o seguinte: Doentes tratados, como internos, 1.692; Consultas no Banco, 4.089; Operações de grande e pequena cirurgia, 805; Curativos, 21.395; Injecções aplicadas, 21.008; Tratamento nos Postos de Agentes físicos, 4.362; Serviços de Ginecologia, 1.516; Banhos no Balneário, 4.063; Receitas abundantes a doentes externos, 435; Parturientes recolhidas, 171; Radiografias, 981; Radioscopia, 19; Análises, 700; Refeições fornecidas a pobres nos Asilos de S. Paio e Donim, 3.180; Curativos feitos no Asilo de Donim, a pobres externos, 2.870.

Com o que fica dito, muito resumidamente, não se pretende enaltecer a Administração da Mesa, mas sim salientar o destino que tiveram as receitas desta Santa Casa, no ano findo. Em seguida, foi lido um officio do Sr. Dr. António Paul, da cidade do Porto, no qual este distinto clinico comunica à Mesa que, a semelhança do que já vem fazendo desde o mês de Abril de 1944, da melhor vontade continuará a prestar, sem qualquer interesse, os serviços de sua especialidade a esta Santa Casa, onde tem sido coadjuvado pelo ilustre Corpo Clinico, a quem se refere com grande simpatia.

A Mesa, desejando testemunhar a a sua Ex.ª o seu muito reconhecimento, não só pelos relevantes serviços que já tem prestado, mas ainda por aqueles que, de futuro, promete prestar, resolveu, nos termos do § 4.º do art. 6.º dos Estatutos, nomear-lhe irmão gracioso desta Misericórdia e, conforme a manifestação dos seus desejos, considerá-lo médico voluntário deste Hospital.

Foi tomado conhecimento de uma comunicação do Tribunal do Trabalho de Braga, sobre a qual foi resolvido submetê-la à apreciação do Advogado desta Santa Casa.

Foram exarados na acta votos de pesar pelo falecimento da Irmã desta Misericórdia, viúva do antigo Irmão, Sr. Francisco de Faria, e do Irmão Sr. Domingos Martins Fernandes.

O Sr. Tesoureiro apresentou o o balancete do cofre, que foi aprovado, tendo-se verificado o cumprimento de todos os legados.

Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para esta Instituição.

Festa das Cruzes em SERZEDELO

Na freguesia de Serzedelo, realiza-se, no dia 9 de Maio a tradicional Festa das Cruzes, com o seguinte programa:

A's 9 horas, dará entrada no Largo principal, vistosamente decorado, a Banda do Pevidém;

A's 11 horas, Missa Solene a grande instrumental;

A's 12 horas, a tradicional troca de ramos e de pão de ló entre a Juíza e Mordomas da Festa;

A's 15 horas, Exposição do SS.º Sacramento;

A's 16 horas, Sermão pelo Rev. M. de Faria, Professor do Seminário Conciliar e grandiosa procissão (Via Sacra) que percorrerá vários pontos da freguesia em visita às Cruzes, ricamente ornamentadas.

Findos os actos religiosos haverá, música, fogo, etc.

Logo e propagação «Notícias de Guimarães»

Conferência de S. Vicente de Paulo

Freguesia de N. S.ª da Oliveira (Senhoras)

RELATÓRIO DO ANO DE 1947

Cumprindo o que o Manual da Conferência determina, é nosso dever apresentar aos nossos Ex.ªs Subscritores a relação das nossas actividades e da aplicação das esmolas recebidas, verificando que esta Obra tão simpática mas tão carecida de recursos, é muito do agrado de Deus, pois se tem mantido por uma especial protecção da Divina Providência, inspirando generosidades, que muito agradecemos, em nome das nossas pobrezinhas. Tem a Direcção desta Conferência procurado manter as esmolas mensais dos seus pobrezinhos, não sendo, portanto, de estranhar que se verifique um saldo positivo que se destina a esse fim. O socorro dispensado às pobrezinhas é o seguinte: Famílias visitadas por semana, 85; visitas extraordinárias a famílias durante o ano, 85 Roupas distribuídas: 52 peças, 7 colchões e 24 cobertores. Pela Páscoa distribuímos uma peça de roupa interior a cada pobre e uma boroa de pão, e pelo Natal, agasalhos e colchões, tendo a Conferência recebido dos seus benfeitores 6 mantas, 24 cobertores de criança e 2 peças de flanela. Apresentando as contas gerais e as receitas, temos a verificar o seguinte:

RECEITAS EM DINHEIRO	
Colectas das sessões . . .	496\$10
Subscritores	4.083\$30
Diversas	9.858\$40
Saldo do ano passado . . .	8.957\$05
	23.394\$85
DESPESAS	
Géneros	4.531\$20
Rendas de casa	5.980\$00
ESMOLAS EXTRAORDINÁRIAS	
Remédios e desp. no San. . .	5.508\$00
Despesas do culto	845\$00
	16.359\$20
Receitas totais	23.394\$85
Despesas	16.359\$20
Saldo	7.035\$65

Para o Verão de 1948 temos planeado fazer uma Colónia de Férias à beira-mar para as crianças, em número limitado, mais necessitadas, das nossas pobres e assim Deus nos ajude a conseguir tão grande beneficio.

Guimarães, Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira.

A Direcção: — Presidente, *Emília Cabral Paul*; Vice-Presidente, *Laura Cardoso*; Secretária, *Izaura de Jesus Figueiredo*; Tesoureira, *Maria Augusta Pereira Mendes*.

No «Notícias»

Teve a amabilidade de vir agradecer-nos a referência feita e os cumprimentos que lhe apresentamos em nosso último número, o distinto clinico Sr. Dr. António Paul, Director do Serviço de Profilaxia Estomatológica do D. H. S., 1.º Assistente do Hospital Geral de Santo António e Adjunto do Delegado de Saúde do Porto.

O distinto médico afirmou-nos que os seus serviços prestados e a prestar em Guimarães, têm sido e continuam a ser apenas condicionados pelo desejo de ser prestável a Guimarães, a terra de seus pais.

Muito gratos nos confessamos pela atenção recebida.

Cartas ao Director

Pondo os pontos nos ii

Caldas das Taipas, 14 de Abril de 1948.

Senhor Director do «Noticias de Guimarães» — Guimarães.

No «Noticias de Guimarães», jornal que V. . . distintamente dirige, veio publicada uma carta no número de 11 do corrente, assinada pelo Sr. Adelino Laranjeiro dos Reis, em que se faz referência de uma correspondência daqui enviada para o jornal o «Diário do Minho» de 15 do passado mês.

Como sou o correspondente deste jornal nesta vila das Taipas, e possa ser julgado autor da mesma, devo esclarecer que nenhuma responsabilidade me cabe e desconheço mesmo o seu autor.

Agradecendo antecipadamente a publicação desta carta

Sou de V. . . Obg.º

Guido Frederico von Dollinger.

José Pelayo e Silva

Solicitador encartado
Escritório: Largo do Toural, 52-1.º
— GUIMARÃES —

LICEU DE M. SARMENTO

No Liceu de Martins Sarmiento e sob a presidência do respectivo Reitor Sr. Dr. Joaquim de Almeida da Costa, achando-se presentes os professores e alunos do mesmo estabelecimento de ensino e bastantes convidados, realizou se, na quarta-feira às 16 horas uma brilhante sessão solene, no decorrer da qual foi feita a distribuição de prémios aos alunos que mais se distinguiram pelo seu aproveitamento e comportamento no ano lectivo transacto.

Além do Corpo docente do Liceu, assistiram as seguintes entidades:

Dr. Augusto Ferreira da Cunha, presidente da Câmara; Rev. António de Araújo Costa, Arcipreste; Francisco d'Assis Pereira Mendes, Manuel da Costa Pedros, Tenente Manuel Peres, Comandante da P. S. P., José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante da L. P., Casimiro Martins Fernandes, presidente do Grémio do Comércio, Cap. João Gomes de Abreu Lima, Patrão Henrique Gomes, dos B. V., etc, etc.

O Reitor do Liceu ao abrir a sessão, disse do significado da festa, agradecendo a presença das autoridades e demais pessoas, convidando a usar da palavra o ilustre sacerdote e professor de moral rev. Avelino Borda que principiou por afastar de si as referências elogiosas, mas aliás merecidas, que lhe havia dirigido o Sr. Reitor. Apesar do pouco tempo de que pôde dispor apresentou várias considerações sobre a festa escolar dirigidas aos alunos que agradeceram a numerosa assistência, que o aplaudiu com uma prolongada salva de palmas. O ilustre Presidente da Câmara procedeu em seguida à distribuição de prémios. Foram premiados com prémios em dinheiro os alunos seguintes: Prémio das Festas Nicolinas — 1.000\$00 e Prémio da Junta da Provincia do Minho — 300\$00 atribuídos aos alunos José da Silva Monteiro 1.º classificado e com distincção no exame de 6.º ano. Prémio Gil Vicente da C. M. de Guimarães — 100\$00 ao aluno José Eduardo da Costa Baptista Magalhães, Prémio Dr. Manuel de Jesus Pimenta — 236\$10 destinado ao aluno que no conjunto das disciplinas tirou melhor aproveitamento e comportamento e um prémio da C. M. — 50\$00 ao aluno do 3.º ano em exame atribuídos estes prémios ao aluno Jorge Manuel Alves Moreira da Silva. Prémio Professor José de Pina», 131\$00 ao melhor aluno de desenho atribuído à aluna do 3.º ano Maria Amália Rodrigues Gomes Alves.

Foram premiados com livros os alunos — 1.º ano: Maria de Fátima Madureira Jordão, António Josias Lacerda Ramada, Eleutério Plácido Morais Barraco, Joaquim Jorge Vieira de Andrade. 2.º ano: Miguel Martins Santos, Esperança Martins Fernandes, Maria Elisete Pato François, João da Costa e Torcato Adriano Serpa Pinto. 4.º ano: Domingos António de Freitas Fernandes, Maria Margarida Gonçalves Guimarães, Florencio Lage Moura e Vasconcelos. 5.º ano: João Manuel Magalhães Melo Moreira Leitão. 6.º ano: António Barbosa Carvalho Mendes, Arnaldo Pereira Ferraz, Arnaldo de Oliveira Mesquita e Manuel Henri que Cruz Vasconcelos. Terminada a distribuição de prémios durante a qual os contemplados foram vibrantemente ovacionados o ilustre Reitor mais uma vez teve palavras de agradecimento para a assistência, encerrando a sessão.

CONFERÊNCIA

Liceu de Martins Sarmiento

O nosso ilustre conterrâneo e querido Amigo Sr. Coronel António de Quadros Flores, realiza, no próximo dia 29, no Liceu de Martins Sarmiento uma conferência sobre assuntos coloniais, a propósito da comemoração da Semana das Colónias.

Há muito interesse em ouvir o distinto Oficial do Exército.

eva 834

Apresentar-lhe-á lindas sedas, fazendas para homem e senhora e bordados.

Casa do Povo de Vizela

CONCURSO

Está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, que finda no dia 23 de Maio, para o lugar de médico desta Casa do Povo. As condições do concurso acham-se patentes na sede desta Casa do Povo em todos os dias úteis.

Vizela, 20 de Abril de 1948.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

AVISO

Para conhecimento da Viticultura da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, informa este Organismo que, por despacho de Sua Excelência o Sub-Secretário de Estado do Comércio e Indústria, foi autorizada a compra, à viticultura, de vinhos verdes, para queima, até ao montante de 30 mil pipas.

A intervenção é feita em colaboração com a Junta Nacional do Vinho e as condições estarão patentes na Sede da Comissão de Viticultura, na Rua da Restauração, n.º 318, no Porto, e nos Grémios da Lavoura, da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, a partir do próximo dia 22, onde poderão ser consultadas pelos Srs. Viticultores interessados.

O prazo de inscrição termina no dia 30 do corrente.

Porto, 17 de Abril de 1948.

A Comissão Executiva.

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4308 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCERIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotó-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

VAI A LISBOA?

Visite a Cervejaria Moderna

Restaurante Serviço esmerado e económico

230, RUA DOS CORREIROS, 232

TELEFONE, 2 8580 — LISBOA

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



Casa fundada em 1888

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Area coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Novo Estabelecimento

Na passada 2.ª-feira abriu ao público um novo estabelecimento, situado na Rua de Santo António, 26 a 30. Sem luxo e sem grandezas, impõe-se contudo pela sua elegância singular — a revelar o bom gosto dos Srs. Orlando Machado da Silva Gonçalves e Angelo da Rocha Teixeira.

Constatamos com prazer este novo melhoramento para a cidade, que só tem a lucrar com iniciativas deste quilate, e muito mais a «morta» rua de Santo António, que de dia para dia vai renascendo, a tornar-se a principal artéria da cidade. Os nossos parabéns aos Srs. Teixeira & Gonçalves, Ld.ª, com os votos de muitas prosperidades.

GUARDA-LIVROS

Accepta escrita para trabalho em horas disponíveis. Informa-se na Redacção.

Beneficência do «Noticias»

Transporte. 315\$00

Da família do saudoso Sr. Domingos Martins Fernandes e em sufrágio da sua alma recebemos para os nossos pobres. 100\$00

A transportar 415\$00

A FATIMA

Em auto-car. Saída em 12 e regresso em 13 de Maio.

Itinerário esplendoroso organizado. Informações na Drograria na Porta da Vila, de Manuel Joaquim da Cunha Machado, Filhos, de Guimarães. 82